

ente

Oriente

Ocidente

Ori

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Juan Masiá, .4 Sabedoria do Oriente.

DO Sofrimento À ,

Lisboa, Editorial Notícias, 2003, 247.

“Respirar e agradecer são palavras-chave desde
os começos do ioga até aos mestres do Zen.

Na respiração convergem o corpo, o espírito e o absoluto.

Nas mãos juntas exprime-se a gratidão perante
a presença do mistério do absoluto no interior de si mesmo,
dos outros, da natureza e de todas as coisas”

Juan Masiá, entrevistado por Anselmo Borges, *A Sabedoria do Oriente* (p. 236)

Em Outubro de 2003, a Editorial Notícias fez publicar a obra de Juan Masiá, *Sabedoria do Oriente*. Trata-se de um livro com 244 páginas e que conta com uma introdução de Anselmo Borges que também traduziu o original do espanhol para português. O livro encontra-se dividido em sete capítulos, a saber: 1.Espaços; 2.Silêncios; 3.Ritmos; 4.Caminhos; 5.ícones; 6.Penumbas; 7.Horizontes. No final, um Apêndice com dois pontos: 1.Glossário de termos budistas; 2.Entrevista feita por Anselmo Borges a Juan Masiá, que lhe coloca algumas questões actuais sobre as relações Ocidente / Oriente e sobre o diálogo intercultural e inter-religioso.

Juan Masiá é teólogo, filósofo e sacerdote jesuíta. É professor de Filosofia na Universidade de Sofia (Tóquio, Japão) e na Universidade Pontifícia Comillas (Madrid, Espanha), repartindo-se, assim, entre o país natal — a Espanha — e o país adoptivo — o Japão — onde reside há cerca de 35 anos.

A convite da reitoria da Universidade, através do Pró-Reitor para a Cultura, Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, Juan Masiá proferiu a conferência inaugural do Colóquio Internacional Ciência e Sociedade realizado no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra nos dias 4 e 5 de Março de 2004, onde basicamente defendeu que “não existem conflitos entre ciência e religião, mas entre pessoas que convertem a sua

ciência em ideologia e pessoas que absolutizam a sua religião”, segundo os termos utilizados na revista *Actual*, parte integrante do jornal *Expresso* (nº 1648, de 29 de Maio de 2004).

Na mesma entrevista refere que a relação imediata que estabeleceu com o Oriente, quando desembarcou no Japão em 1966, conjugada com a aprendizagem e a compreensão da língua japonesa proporcionaram-lhe “contemplan o Oriente oculto no coração do ocidental e a ocidentalidade dos orientais” (p. 14).

A obra que agora se publica em Portugal partiu de um desafio lançado por Anselmo Borges, também religioso, teólogo e filósofo, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nas palavras de Anselmo Borges trata-se de “um livro sobre os caminhos sapienciais do Oriente (...) E aí tem o leitor *A Sabedoria do Oriente. Do sofrimento à felicidade*, numa verdadeira ponte entre o Oriente e o Ocidente. Trata-se de uma obra rigorosa e acessível, onde são estudadas as grandes vias de espiritualidade oriental: do hinduísmo ao budismo — segundo o cardeal Henri de Lubac, o budismo é uma das experiências-cume da história religiosa da humanidade —, do confucianismo e tauísmo ao Zen e xintoísmo, sendo confrontados com interpretações novas do absoluto, do ateísmo, do eu, da reencarnação, do nirvana” (pp. 10-11). Ainda na mesma introdução, Anselmo Borges sublinha a virtude dialógica da obra, afirmando que “esta obra quer ser ponte entre duas perspectivas sobre o humano, mediante a abertura a uma cultura que privilegia o silêncio, a quietude, o corpo, a respiração, a contemplação, a receptividade, a gratidão. Afinal, é no confronto dialógico com o outro que redescobrimos com maior profundidade a nossa própria cultura e identidade” (p. 11).

E impossível numa nota de leitura transmitir ao leitor toda a riqueza cultural, espiritual, histórica e filosófica que se respira página a página nesta obra de Juan Masiá, *A Sabedoria do Oriente*. O nível de conjugação alcançado entre as heranças culturais em causa é da ordem do original, da raridade e do excepcional. Este encontro dialógico dá-se fora da lógica da competição, da negociação e da diplomacia pois não implica cedências de parte a parte, como se o conhecimento do Oriente esclarecesse o Ocidente e vice-versa.

Na verdade, há figuras universais que unem as culturas em jogo. Pensamos que é o caso do amor e da morte: “Amor e morte são duas realidades incontroláveis e rebeldes. O poder tende a impor ordem sobre o caos. Mas amor e morte são duas realidades nas quais predomina especialmente o caótico. Ambas se nos escapam, quando procuramos abarcá-las com o nosso pensar e o nosso querer. Para a nossa vontade de saber,

amor e morte são enigmas indecifráveis. Para a nossa vontade de poder, amor e morte são limites intransponíveis” (p. 207).

Tanto no Oriente como no Ocidente, o amor pode ser fonte de crescimento interior e compreende-se que do diálogo Oriente-Ocidente a este nível resulte uma dinâmica espiritual única. Julgamos que a obra de Juan Masiá nos convida a desejar com optimismo uma nova libertação espiritual da humanidade; uma libertação alicerçada na autenticidade dos momentos inaugurais de diferentes religiões ocidentais e orientais.

De todos os capítulos, um dos mais óbvios e naturais para nós é, sem dúvida, o capítulo 7 que tem como epígrafe o seguinte: “Aprende a respirar, se queres compreender esta cultura” (p. 181). Ao expor a dificuldade do tema para uma pessoa do Ocidente, como ele próprio, Juan Masiá lembra um episódio muito significativo: “...recebi a maior reprimenda do meu professor de japonês ao apresentar-lhe como exercício uma frase de cinco linhas que recitei vaidosamente de uma tirada. Em vez de me felicitar abanou com hesitação a cabeça. ‘Não está correcta?’, perguntei surpreendido. ‘Sim, está correcta, disse-me, mas nenhum japonês se exprimiria assim. A tua frase é gramaticalmente impecável, mas demasiado longa e sem margem para uma pausa. Nem respiras tu nem deixas respirar o interlocutor. Os Espanhóis aprendem rapidamente o japonês, mas perdevos a facilidade da palavra. Tendes de aprender a calar em japonês, a deixar espaços vazios para a respiração” (p. 185-186).

Todos os temas que são tratados no livro são muito importantes na cultura Oriental mas sem dúvida aquele com o qual nos identificamos imediatamente é a tradição Oriental da cultura da pausa que dá valor aos “silêncios na conversação, às margens na pintura, aos vãos livres na arquitectura, ao não dito na mensagem e à receptividade na contemplação” (p. 15).

Temos constatado na nossa vivência quotidiana que, por desconhecimento mútuo da linguagem gestual, da expressão facial, se geram muitos equívocos na comunicação. Isto acontece porque de parte a parte não há um reconhecimento do significado dos gestos ou do significado da expressão facial. Exemplificando: durante o meio ano que estivemos no Pavilhão do Japão na Expo98 tivemos oportunidade de assistir a situações equívocas na comunicação provenientes da linguagem corporal e especialmente da linguagem do olhar. No Japão aprendemos a escutar os outros baixando a cabeça e dizendo “hai, hai, hai,...” (quer dizer: sim, sim, sim,...). Esta linguagem corporal e verbal significa que educadamente se está a escutar e a compreender e, portanto, a respeitar a mensagem que se está a receber. Não significa que se esteja de acordo com a

mensagem que está a ser recebida. Ora, muitas vezes, os ocidentais interpretam o baixar a cabeça e o dizer “hai, hai, hai...” como concordância e aceitação do que está a ser dito. Por isso, esta linguagem corporal provoca mal entendidos na comunicação entre japoneses e ocidentais designadamente portugueses que conhecemos melhor. Em situações de negócios privados ou de assuntos de Estado, este desconhecimento no Ocidente da linguagem corporal na comunicação pode conduzir a resultados inesperados e causar surpresa nos interlocutores ocidentais.

A partir da sua longa experiência Juan Masiá confia-nos que para um Ocidental, habituado a uma cultura do falar, a experiência de ser escutado coloca quem tem a palavra numa posição (aparentemente) de primeiro plano. Pensamos que a cultura japonesa do escutar é difícil de interiorizar pelos ocidentais. Em Portugal, constatamos que cada pessoa tem de falar, tem de dar opinião, tem, de alguma maneira, de mostrar ou manifestar que está presente ou interessada para ser tida em consideração. No Oriente, este comportamento seria reprovável e um sinal de falta de educação e falta de conhecimento das regras sociais na comunicação. Em Portugal e no Ocidente, não manifestar uma opinião, por vezes, é interpretado como não estar a perceber ou mesmo não pensar. A atitude de escutar com atenção é interpretada muitas vezes como passividade, desinteresse e não participação na conversa.

626

No Japão ensina-se a não interromper o interlocutor, a respeitar a sua opinião, a aguardar o espaço e a pausa para, então, nos pronunciarmos, evitando discussões e não embarçando outros interlocutores. No Ocidente, e especialmente em Portugal que conhecemos melhor, as conversas normais parecem-nos muito agressivas, palavra contra palavra sem tempo para escutar, sem pausa entre as mensagens.

Sobre o tema antropológico da natureza ou da essência do japonês gostaríamos de invocar um dos exemplos que Juan Masiá dá para simbolizá-la: “podemos remontar até à invenção do leque dobrável na antiguidade japonesa para entender o que aconteceu no século da electrónica, desde os primeiros transístores até ao último jogo de computadores. O leque, tão antigo na China e no Egipto torna-se dobrável no Japão” (p. 31). O que Juan Masiá quer dizer com o exemplo do leque é que o Ocidente tem muito a esperar não só da capacidade de trabalho dos orientais mas também dos seus dotes reprodutivos e criativos. Esta é uma matéria que está historicamente comprovada. No século da electrónica e da informática, o Oriente continua a dar provas da sua capacidade de aperfeiçoar modelos, de imprimir saltos qualitativos na tecnologia e nos objectos de uso quotidiano. Assim, o diálogo Oriente-Ocidente, sendo

incontornável no plano religioso e filosófico também é da maior utilidade e interesse ao nível das tecnologias.

Para terminar gostaria de chamar a atenção para o seguinte: uma coisa é a valorização do corpo e da respiração na cultura japonesa; outra coisa é a cultura de género (a questão do masculino e do feminino) que tem contornos muito singulares no Oriente e especialmente no Japão.

Recentemente a Princesa japonesa Masako, segundo a própria imprensa portuguesa (*Pública*, nº 418 /30.05.2004, pp. 22-24), desafiou a mentalidade japonesa milenar de “não dizer” *segundo a regra de ouro do silêncio*. Na verdade, a Princesa Masako manifestou que também ela tem uma palavra a dizer sobre diferentes matérias e talvez esta transgressão confrontada com a tradicional regra de “cuidar do silêncio” esteja na raiz do sofrimento da Princesa. Na *Pública* lê-se: “...ao casar, há onze anos... Masako Owada, brilhante diplomata poliglota que na época tinha 29 anos e uma fulgurante (e promissora) carreira no Gaimusho (o Palácio das Necessidades nipónico), viu o seu futuro mudar para sempre. Masako sabia-o. Mas a jovem moderna, filha de um diplomata, que viveu em Nova York e na Rússia e obteve diplomas em Oxford e em Harvard ignorava o que se seguiria (...) Os seus gestos por mais pequenos que sejam são vigiados (...) Os olhos têm que se manter baixos. A princesa (...) não pode falar (...) sem ser em sussurro” (p. 24). O protocolo sagrado está a tornar-se muito difícil nesta era de globalização, de mundialização e de democratização progressiva do planeta. Isto não quer dizer que os rituais e as tradições não se perpetuem, designadamente na monarquia japonesa. Seja como for, talvez no futuro se venha a repensar o que na tradição entre em choque com o exercício da cidadania. Há vários sinais de conformismo a este nível e o sofrimento da Princesa Masako é para nós um testemunho muito evidente.

É importante também deixar registado que uma das virtudes mais singulares desta obra é que nunca está lida, nem ultrapassada. Antes, exige e quase impõe o retorno a ela.

627